

DISCURSO

DO

ALMIRANTE-DE-ESQUADRA LEVY PENNA AARÃO REIS

Rio, 23-9-1968

Exmo. Sr. Chefe do Estado-Maior da Armada

Exmos. Srs. Almirantes

Senhores Oficiais

A Escola de Guerra Naval prossegue seus estudos de 1968, recebendo 63 oficiais superiores no Curso de Comando e Estado-Maior, curso que será dado, pela segunda vez neste ano, em cumprimento ao programa especial, e que se encerrará em janeiro próximo.

Este programa especial, ordenado por V. Ex^a, Sr. Chefe-do-Estado-Maior da Armada, no propósito de restabelecer a normalidade na passagem dos oficiais superiores por esta Escola — isto é, como Capitães-de-Corveta — foi a melhor solução encontrada para ressarcir o atraso que circunstâncias imperiosas vinham causando; e, parcialmente cumprido, vem recebendo sanção favorável da experiência.

Terá este Curso de efetuar-se em metade do prazo regular. Custará, é claro, aos oficiais, esforços redobrados, estudo mais intenso, ainda mais intenso que o habitual. Exigirá, sem dúvida, sacrifícios por parte de todos os órgãos da Marinha, ou por mais freqüente movimentação ou por maiores claros nas lotações — sendo esta turma, como se vê, quase idêntica à do 1º semestre, das maiores turmas na história da Escola. À própria Escola, aos seus oficiais, tocará atividade maior, que exerceremos com entusiasmo bem fundado nos bons resultados já colhidos. Penso que há motivo, Sr. Chefe-do-Estado-Maior da Armada, para estarmos todos convencidos de que os sacrifícios neste ano suportados, pelos navios e pelos estabeleci-

mentos, — para execução dêste programa especial, — têm sido úteis, e em breve mostrarão seus frutos. Ainda se trabalhará, nesta atual instalação, em condições materiais sofríveis — mas também nisto há motivo para certo otimismo: creio poder afirmar que será esta turma a última a usar esta casa, esperando-se que a próxima contará com edificio próprio, em acabamento na Praia Vermelha.

Ê esta turma, disse, quase idêntica à que a precedeu, praticamente igual. Maior quanto ao Corpo da Armada, 40, mais 1 estrangeiro, 7 Fuzileiros Navais, 6 Engenheiros Navais, 4 Intendentes de Marinha, 5 Médicos — compara-se no total de 63 com os 62 do 1º semestre, como a maior turma já passada pela Escola, — e mostra, no tocante aos Fuzileiros Navais, que já se alcança parcialmente o propósito pois são quase todos Capitães-de-Corveta.

Sêde benvindos, Srs. Officiais.

Damos todos especialmente boas vindas ao Comandante Garcia, da Marinha da Venezuela, que ora reata o costume fraternal de enviar-nos um de seus distintos officiais, o que muito prezamos.

Estamos prontos, o Diretor e todos os officiais que aqui servimos, a auxiliar-vos nesta incumbência que ora vos dá a Marinha, — para que vos dediqueis ao preparo intelectual para a guerra,

aprofundando-o, livres dos encargos administrativos ou técnicos, sempre absorventes. A esta preparação intelectual, que constitui óbvia obrigação individual de todos que servem à Marinha, dareis agora exclusiva atenção usando esta pausa na rotina profissional para a pesquisa, a meditação, a simulação na carta ou no tabuleiro, individualmente ou em grupo, o estudo enfim do problema da guerra no mar, formando e mantendo a atitude mental adequada ao procedimento que adoptareis na eventualidade da guerra.

Como a vossos antecessores, recebemo-vos como homens do mar e homens de guerra, portadores de experiência não pequena na carreira, afeitos já às dificuldades do comando e da administração e à inconstância da fortuna do mar; só vos falta a experiência direta da guerra, visto que iniciastes a carreira quando já terminara a II Guerra Mundial. Esta experiência, procuraremos, officiais e instrutores mais velhos, transmiti-la em primeira mão — e assim seguir o lema desta Escola. — **LEMBRAI-VOS DA GUERRA.**

Contamos todos ainda, para isto, com a contribuição inestimável da Missão Naval Americana, que por seu ilustre chefe e por seus distintos officiais aqui destacados, nos traz diretamente a lição colhida pela grande Marinha

irmã e a experiência recente das últimas campanhas.

Senhores Officiais:

Lembrarmo-nos da guerra — neste País que já desfruta 23 anos de ininterrupto período de paz, e que há 100 anos não sofreu mais a presença do inimigo em seu solo — requer já estudo, memória, imaginação.

Voltamos o espírito, naturalmente, para as campanhas em que teve nossa Marinha de participar com tôdas ou algumas de nossas forças navais — primeiro para a campanha na qual há 25 anos empregamos tôda nossa força naval disponível, contra os submarinos inimigos principalmente, no Atlântico Sul, em proteção do tráfego marítimo e em defesa dos portos; em seguida, para a de 50 anos atrás, quando enviamos um grupo de aviadores navais à Inglaterra e quando destacamos para a outra margem do Atlântico Central a divisão Frontin para combater a ofensiva submarina; — finalmente, para a árdua campanha ribeirinha que empenhamos no rio Paraguai, e cujos eventos se comemoram centenariamente nos dias que correm; — para não estendermos mais longe o pensamento, nas lutas que, desde a Independência, mantiveram nossa Esquadra em quase permanente prontidão.

Tôdas essas campanhas merecem estudo e meditação. Assim como os interregnos de paz, pois nestes se notam as falhas da providência e os atrasos na providência, tanto mais graves quanto mais longos êsses interregnos.

Vale recordar, à luz da experiência que tendes e em comparação com fatos mais recentes, o que foi, em seguida à passagem de Humaitá, a dura tarefa da esquadra já vitoriosa e gloriosa de Inhaúma, a prolongar-se no forçamento do Timbó, no Tebicuari, nas passagens de Angostura, que, de 1º de outubro a 26 de novembro de 1868, forçou *seis vezes*, na tomada da Vileta, no movimento de margem para margem e no desembarque, em S. Antonio, do Exército de 16.000 homens inclusive cavalaria, em poucas horas, sem perda alguma, cobrindo-o e apoiando-o com seus canhões, atuando como força de vanguarda e força de choque, cobrindo-lhe a retaguarda, perseguindo o inimigo rio acima até seus tortuosos afluentes, em demonstração das mais eloqüentes do valor do poder naval nas campanhas ribeirinhas.

Vale recordar a comissão da divisão Frontin, primeira força neste século enviada além-mar para ação de guerra, feito notável de energia e capacidade de sacrifício — de que podereis formar uma pávida idéia à vista do rebocador “Laurindo Pita”, ora na

carreira do Arsenal, em reconstrução, um dos raros, senão o único navio da I Guerra Mundial ainda em serviço.

E recordar, especialmente, a última campanha, a campanha anti-submarina da II Guerra Mundial, da qual provavelmente alguns dos senhores guardam impressões pessoais, e da qual nós os mais velhos colegas podemos transmitir relatos dos episódios vividos, campanha que constituiu ingente esforço de improvisação de navios e de bases, cujo ímpeto, ainda não esmorecido de todo, convém aproveitar e incentivar.

Meditemos mais longamente, nisto que mais de perto conhecemos, repetindo o que venho repisando neste curso.

Todos vivemos aquêles dias cruciais de janeiro de 1942 seguintes ao ataque a Pearl Harbor, durante os quais o Rio de Janeiro foi a sede da aliança pan-americana contra o agressor, e nos lembramos bem de que a lição da surpresa desastrosa em que foi colhido o grande aliado, mal aproveitou a nós, logo após também surpreendidos por sangrenta agressão em nossos mares. Lição melhor não há do que aquela que vivemos, portanto relembremo-la, examinemo-la em todos seus aspectos. **Onde estávamos então?** Que fazíamos? Que soubemos do que se passava a tão pouca distância de nossos lares, de nossas

bases, de nossas linhas de navegação costeira? Que parte fomos chamados a dar de nosso esforço, que contribuição realmente trouxemos à causa e que mérito podemos reter da vitória? **Que aprendemos, afinal?** Que constatamos, logo após a vitória, do acerto das previsões sobre a **missão** que nos coube assumir, sobre o **conhecimento do inimigo**, sobre a escolha dos **meios**? Quão bem conhecíamos o **teatro de operações**, quão melhor que o inimigo o conhecíamos, quem dêsse conhecimento tirou melhor partido? Quanto trouxemos, em seguida, para aperfeiçoar nossos meios, nosso adestramento, nossa capacidade de proteger a atividade nacional no mar, no mar que nos é fronteiro, nos mares que desejamos cruzar na grande arena da civilização? **Quanto fizemos para que saudosos companheiros não tenham desaparecido em vão?**

Falhas e atrasos, que os longos períodos de paz agravam à proporção que o tempo vai esbatendo as impressões colhidas na experiência e que o progresso faz esquecer a importância da segurança, são até certo ponto admissíveis, naqueles que não tem obrigação específica de lembrar-se da guerra, e também de lembrar-se do mar. Compete aos homens do mar, os primeiros a sentir o duro efeito da surpresa, solicitar a atenção de seus compatriotas,

compete aos da Escola de Guerra Naval fazê-la lembrada, de seus colegas e de seus compatriotas, compete-lhes ainda lembrá-la em todos seus aspectos, variações e até detalhes, e antecipar soluções a todos os problemas que humanamente fôr possível figurar, pois esta é a súpula da preparação mental para a guerra.

Por não desejar a guerra, a opinião pública mostra desapeço à preparação militar. Este pendor pacifista, inegável, profundo e bem demonstrado em 1917 e 1942, não impediu, porém, fôsse o nosso povo compelido a combater nas duas Guerras Mundiais. Destas lutas conheceis algo, por conviver com a geração que se empenhou na primeira e por ter, ainda adolescentes, sentido o impacto da segunda.

A conseqüência do despreparo, ou da má preparação foi, como vimos, a surpresa no evento inicial, recebido como agressão intempestiva, em agosto de 1942, apesar de precedido por situação política sombria e por situação estratégica desfavorável, que não desculpam a alegada surpresa.

Imediatamente sentimos — te-reis vós mesmo sentido nos vossos lares e nos colégios — a escassez de alimentos e de petróleo que já em 1913 o Almirante Percy Scott prognosticava a seus patrícios das Ilhas Britânicas. Mais tarde, tereis compreendido o quan-

to aquela escassez entrou a nossa indústria, ávida de expansão.

A lembrança das agruras sofridas não se torne lamentação, e sim fundamento à melhor preparação. Cabe-nos, a todos, estudá-la e disseminar os resultados de nossos estudos.

Um dos motivos da displicência, e até da ojeriza, à preparação militar do País, é a confiança na imunidade conferida às nações de menor potencial bélico pelos sistemas de aliança e pelo equilíbrio internacional entre as grandes potências. Em nosso caso, como em toda a América do Sul, junta-se a isto o relativo isolamento geográfico dos grandes teatros de operações. Tal como aconteceu de 1914 a 1917, e de 1939 a 1942, quando se passou relutantemente de neutro a beligerante, pensam muitos evitar os horrores da guerra, ignorando-a e deixando-a aos grandes aliados. Tal atitude se justifica por um sentimento de segurança alimentado por um quarto de século em paz, por não termos, nas duas Guerras Mundiais e mesmo na campanha do Paraguai, empenhado senão uma fração proporcionalmente pequena de nossos compatriotas; por ter o País nestas lutas continuado, sem interrupção, todas suas atividades pacíficas, e mesmo progredido; por não sofrer, há um século, a presença de tropa inimiga em seu solo; por não ver, mesmo

de suas atalaias na costa, navio inimigo algum em suas águas territoriais; enfim, por poder dizer neste século como os espartanos que a mulher brasileira nunca viu o fumo do acampamento inimigo.

Torna-se imperativo, a nós, relembrar-lhes os terríveis efeitos da surpresa que o perturbador da paz em que vivíamos nos inflingiu, sem que o tivéssemos avisado, e quanto nos custou, a nós e a nossos aliados, mostrar-lhes, no fim de anos de sacrifícios, nossas bandeiras vitoriosas.

É importante lembrar-lhes que o perturbador da paz em que vivemos se prepara para algo nefasto, está já preparado para ações de envergadura e que ninguém poderá dizer-se surpreendido, porque seu propósito declarado é destruir a civilização ocidental, a maneira de viver que prezamos, adotamos e almejamos manter; porque se instalou, há anos, em uma grande e bela ilha de nosso hemisfério; porque acaba de invadir um país, vizinho e mesmo aliado, à mais ligeira veleidade de discrepância na sua maneira de viver.

É importante ainda despertá-los do enganador sentimento de segurança em que se comprazem. Certo, não conseguirá o perturbador invadir nosso território pois um oceano nos separa, nem subversivamente chamar nosso

País à sua órbita depois da repulsa sofrida em 1964. O mar, julgamos, nos separa. Esse juízo na opinião pública, significa, para nós, que o poder naval do ocidente se interpõe, diante dêle, em nosso favor; e historicamente, o perturbador prefere cingir-se à defensiva em sua vasta e contínua massa terrestre e optará pela expansão em rôlo compressor de grandes exércitos.

Nessa ilusão se tem deixado embalar muitos observadores, em vários países, alguns até vizinhos, até recentemente. E, em muitos países marítimos, em opção implícita que chega a ser trágica, esse secular sentimento de segurança tem levado governantes ineptos e cidadãos desavisados a medidas que importam em preterir os elementos formadores do Poder Marítimo, preferindo destinar recursos e investimentos a outros setores do Poder Nacional. Ora, se alguma coisa parece ter mudado radicalmente, nesta última década, na atitude do perturbador, é o seu notável progresso nas atividades marítimas, executado com evidente urgência, e com ameaçadora amplitude. Tudo indica que seus atuais dirigentes fizeram a grande opção de tornar seu país potência marítima, atribuindo à sua marinha parcela considerável dos recursos disponíveis. Não mais apenas os submarinos, a arma clássica de perturbação no

mar, por si sós ameaça terrível, porém tôda a gama de navios e de sistemas de armas, de combate ou não, desde os navios-aeródromo aos de pesca, aos de pesquisas científicas, às bases ultramarinas, situadas em território de aliados ou simplesmente móveis. Não mais limitados às antigas aspirações imperiais de saída para portos em águas quentes, porém a conveniente dispersão de fôrças navais permanentemente postadas além-mar, à superfície ou imersas. Não mais apenas “mostrando a bandeira”, em pacífica ostentação de fôrça, porém provocando incidentes, até colisões de navios, acompanhando à certa distância as fôrças navais ocidentais que se adestram no alto-mar, com navios de todos os tipos, até os de pesca, penetrando em seus dispositivos, penetrando em águas territoriais sem comunicação prévia e em passagem nada inocente, enfim, perturbando — como fazem agora com a fôrça da NATO em exercícios no Mar do Norte, segundo notícias da semana passada.

Vejamos a informação recente de um seu vizinho (publicada em julho último). O Almirante Jeshonnek, Inspetor da Marinha da R.F. da Alemanha, colocado em crítica fronteira marítima declara:

«O Poder Continental da União Soviética evoluiu depois da II Guerra

Mundial para um Poder Naval que «ocupa o 2º lugar no mundo. A tonelagem de navios mercantes aumentou, de 1946 a 1968, de cerca de 1,6 milhões para 12 milhões de toneladas. Ao se apreciar a sua armada tem-se de partir do princípio de que não apenas os navios de guerra, mas também os mercantes, pesqueiros e de pesquisas foram construídos com características bélicas e estão submetidos a um comando central. A União Soviética dá atualmente instrução a 9 vezes mais técnicos e construtores navais do que os Estados Unidos. A sua frota de pesquisa é maior do que tôdas as outras frotas semelhantes do mundo, reunidas; sua missão inclui, além da Oceanografia e Hidrografia, o acompanhamento de todos os movimentos dos navios ocidentais.

A sua frota de pesca é a maior do mundo. Constantemente, estão construindo navios de pesca que servem também para operações anfíbias. Trata-se em parte de navios tênder que podem transportar 6 a 14 pequenos pesqueiros de 50 toneladas».

«A frota de combate soviética foi, nos últimos tempos, sensivelmente reforçada e continua a aumentar o seu poder. O ponto principal dessa ampliação: cerca de 360 submarinos, sendo 50 nucleares. Número crescente de navios de superfície armados com mísseis de superfície de grande alcance, os quais não têm presente-mente similar nas Marinhas ocidentais. Sua capacidade anfíbia está sendo ampliada. Pela primeira vez, entrou em serviço recentemente um porta-helicópteros. A Fôrça Aeronaval dispõe de cerca de 940 aviões operacionais».

È no Báltico que se apoia, principalmente, esta formidável potência naval, é daí que, pelo Mar do Norte, se desenvolve no Atlântico. No Atlântico, onde todos os dias navegam 2.500 navios mercantes, seus navios de combate se mostram a todo instante.

Do Atlântico, muitos destes poderão passar a operar em outros mares, no Mediterrâneo onde outros 1.000 navios mercantes são encontrados, diàriamente, onde poderão reunir-se a outros navios de sua bandeira que em menor número, se apoiam em bases secundárias — e também, no Índico, onde as rotas do petróleo, as rotas vitais para o Ocidente, são permanentemente observadas por outras fôrças navais, suas, menores porém potencialmente tão perigosas para o Ocidente quanto as maiores nos mares europeus.

Essa ameaçadora atitude, essa formidável ordem de batalha, não só ostenta; importuna, vexa, molesta os navios das Marinhas ocidentais, às quais nos ligam tratados de assistência mútua ou tendências tradicionais de alianças nas horas difíceis. A nós, só de longe se mostra, só de vez em quando provoca, de leve, com inocentes barcos de pesca ou navios de pesquisas científicas, como se calculadamente cultivasse a inércia de todo nosso sistema político, quase apagando a lembrança de, alguns anos atrás, intrometer-se imerso nos dispositivos de adestramento inter-aliado, deixando-nos, agora, tranqüilos.

È de temer, principalmente porque nos dá êste presente...

Como reage, à vista destes sinais de mau tempo, a nossa gente?

Como reage a nossa elite, cujos expoentes teriam de percebê-los ainda abaixo do horizonte? Como reagimos nós, homens do mar, obrigados por função a sentir a urgência de preparar a nau para o temporal iminente, obrigados, como homens de guerra, a preparar a armada para o combate, ainda que não passe isto de uma possibilidade?

Deixo aqui estas questões, abertas à vossa ponderação. Pois é aqui que começa, racionalmente, a preparação, com a preparação intelectual, que compete a esta Escola, e na qual nos empenhamos todos nestes próximos meses, a partir dêste momento.

Não o podemos fazer sem pressa, pois é grande a apreensão. Há que conservar a cabeça fria, mas pensar depressa — para que nós mesmos ou nossos companheiros preparem, sem perda de tempo nem desvios da orientação adequada, os navios, as armas, os equipamentos, as bases, os estaleiros, os grandes serviços e, acima destes, o **peçoal**, e ainda, para que se consiga, de todo o povo, a adesão à idéia da influência do Poder Marítimo na sobrevivência desta nação marítima.

Também estamos, povo, elite e govêrno, em momento de grande opção.

Voltaremos a frente para o mar, depois de anos de empreendimentos erráticos, esquecidos do mar, descuidados das emprêsas marítimas largadas à metódica ação corrosiva dos agentes da subversão, enterrando a escassa poupança em obras suntuárias ou de remuneração remota?

Há talvez, nisso, encorajadores indícios de mudança. Ainda não opção franca, reconhecimento explícito das vantagens da atividade marítima, ímpeto vigoroso na direção do mar; mas a dura lei da necessidade leva aos poucos a procurar, na costa e na plataforma continental, os recursos que minorem a fome de proteínas e de energia, — e nas rotas marítimas o único meio de aquisição e de distribuição do petróleo e de intercâmbio dos produtos siderúrgicos. Quem sabe só nos falta um impulso, alguns líderes esclarecidos, uma minoria decidida, para desencadear a ação entusiástica nas lides oceânicas?

Sem isto, não haverá prosperidade nem segurança, no agitado mundo de hoje. Com isto, estaremos em merecido lugar de destaque na grande aliança ocidental que é antes de tudo uma aliança atlântica, altivos diante do perturbador, unidos diante do perigo, confiantes em nossa capacidade de repelir suas insídias e seus ataques, fiéis às nossas origens marítimas.

Antes de encerrar estas considerações, desejo Sr. Chefe do Estado-Maior da Armada, agradecer a honra que nos confere presidindo a esta cerimônia de início de discurso. Parece que é esta a última que se realiza sob o comando de V. Ex^a. Bem apreciamos, todos os oficiais que aqui servimos, do Diretor ao mais moderno dos alunos, o quanto lhe devemos por ter decidido, e apoiado, a programação especial que restabelecerá na Marinha e na Escola, a normalidade desejável.

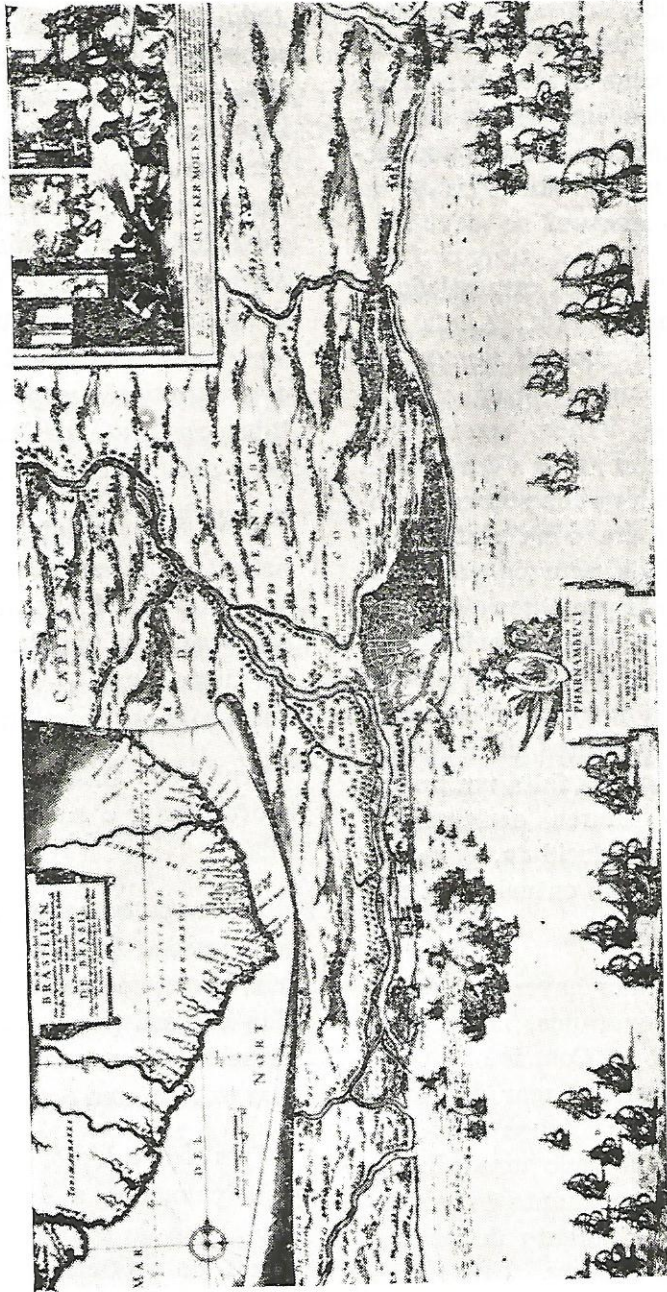
Aos Srs. Almirantes que nos honram com sua presença, e aos quais devemos o sacrifício feito pelos serviços que dirigem em favor dêste curso — nosso reconhecimento e agradecimento.

Senhores Officiais — Vamos agora iniciar o nosso trabalho escolar.

Disse-vos que apesar da pressa, será preciso fazê-lo com a cabeça fria, serenamente, com a razão. Mas só será possível fazê-lo com entusiasmo, com firme vontade, com paixão, com o coração quente.

Pois tôda a história nos mostra, principalmente a história naval, que acima da competência profissional, de proficiência científica, da inteligência e da cultura, para o desempenho do Comando, estão as fôrças morais.

REMINISCÊNCIAS
UMA OPERAÇÃO ANFÍBIA DO SÉCULO XVII (1630) ...



Reprodução fotográfica de uma antiga gravura holandesa, existente no Museu do Estado, Recife, PE.

Bref recit

De ce qui s'est passé à la prise
de la VILLE

Olinde de renambouc.



Comme ainsi soit que les Sieurs Administrateurs de la Compagnie Octroyée des Indes Occidentales, avec advis des Hauts & puissans Seigneurs les Etats Generaux & le Prince d'Orange, eussent esté bon de faire une entreprise sur la ville d'Olinde de Fernambouc, Ville principale de tout le Brésil, située en lieu fort plaisant & delectable, ayant un port de mer fort propre. Et il qu'iceux ont fait équiper de toute diligence environ 59 Navires, montez d'environ 3700 Soldats, & 3780 Matelots, & en outre pourvus de toutes choses necessaires, lesquels navires estz sortis en Mer, au mois de Juin, en plusieurs flottes, prirent leur rendez-vous en la Baye de S. Vincent, d'où e'lt qu'ils partirent le 26 Decembre 1629, prenaus leurs cours avec assez bon temps, pour la coste de Brésil, où ils arriverent le 12 de Fevrier, à la hauteur de bois degrez, du costé du Sud.

L'an 1630, le 13 de Fevrier à midy, ils arriverent à la hauteur de huit degrez & trois minutes; le Vent étant Est & beau temps, environ hors de veuë de ceus du Pays. Ce jour cy tons les Capitaines de Navires reçurent ordre & commandement, pour aller couragementent attaquer le lieu de Fernambouc, & furent quant & quant les navires & equipages repartis comme l'ensuit, à sçavoir.

Et premierement, on deslembarquas en 16 Navires & Pataches de l'Armée entiere, consistant en 720 bestes, à sçavoir 3780 Matelots, & 3700 Soldats, le nombre de 201 Soldats, & 699 Navires, outre 530 autres Matelots, qui demeurent dans les Navires pour la conduite d'iceux, à l'advant de leur grandeur, & estoient les suivants, marquez de la lettre A. à sçavoir:

- Le navire nommé la *Lune*, dont estoit Capitaine Nicolas Florissen.
- Le navire nommé *Jacques*, dont estoit Capit. Laurens Claffen.
- Le navire nommé *Swal*, dont estoit Commandeur Dirk Simoniffen.
- Le navire nommé *Orreche*, dont estoit Vice-amiral Cornelie Claffen Melck-meyt.
- Le navire nommé l'*Oranger*, dont estoit Capit. Jacob Pieteriffen.
- Le navire nommé *Nassau*, dont estoit Capit. Cracht Fredericiffen.
- Le navire nommé *Maurice*, dont estoit Capitaine Jean Corneliffen.
- Le navire nommé *Ouland*, dont estoit Capit. Hendrick Corneliffen de Reux.
- Le navire nommé *Gracingen*, dont estoit Capitaine Simon Volckerts Bobbert.
- Le navire nommé la *Ferne*, dont estoit Cap. Aucke Douwes.
- Le navire nommé le *Lyon d'or*, dont estoit Cap. Jacob Theunis Sluys.
- Le navire nommé le *Charval de Pesty*, dont estoit Cap. Jean Iansffen.
- Le navire nommé le *Salsijaulon*, dont estoit Cap. Pierre Dirickiffen.
- Le navire nommé le *Salsid'or*, dont estoit Cap. Jacob Huygen.
- Le navire nommé *Hollanda*, dont estoit Cap. Thomas Sicques.
- Le navire nommé l'*Ethiopienne*.

Lesquelles gens se devoient deslembarquer & mettre à terre du costé du North de la Ville d'Olinde, au lieu plus propre au dessein, pour envahir la ville par terre. Aux fins dequoy, estoit Chef & Conducteur noble Sieur *Ditrac de P'Ardeembourg*, Colonel, Gentilhomme, divisé en trois Regiments ou Troupes, dont avoit l'Avant-garde & commandement particulier le Sieur Lieutenant Colonel, nommé *Adolf Verisil*. Le Corps de la bataille avoit le Sieur Lieutenant Colonel, nommé *Harriman Godesfrid de Steynacroffels*. Et l'Arriere-garde, le Sieur Capitaine Major *Honx Foucques*.

Furent encoir laissez aux Navires & Pataches, nommez *Overissel* & *Mayden*, cinquante cinq Matelots, lesquels au mesme temps, que l'exploit le firent, devoient à la pointe du jour, s'en aller au dessous de la ville d'Olinde, pour voir s'il y auroit commodité de mettre là quelques gens à terre. Les forces restantes de tous les navires & Equipages, pour assaillir les Recifs, furent reparties dans les Navires comme l'ensuit.

Dans les deux navires suivants, marquez de la lettre B. & nommez *Dambourg* & le jeune Prince *Maurice*, demourerent seulement cinquante cinq Matelots, qui passeroyent sur devant la Bouche ou Entrée de la Barrette, pour voir & descouvrir, si on pouvoit entrer dans le Recif, par ladite Entrée avec des Pataches ou autres Engins de navigation. Pust aussi deslembarquer ou mis es onze Pataches suivantes, marquées de la lettre D, à sçavoir:

La *Freigate d'Espagne*, le *Chevalier noir*, le *Regnard*, la *Concorde de Derworen*, la *Ferrière Fille*, le *Bracque*, le *Flabanc*, la *Lacroy*, la *Cigogne*, la *Serena* de Zelande & la *petite prise Française*.

Deux Compagnies de Soldats, chacune de 223 bestes & 350 Matelots, qui restoyent dans chaque Patache, pour la conduite & gouvernement d'iceux. Et fust ordonné assidites Pataches, de se tenir si long temps au dessus de l'Entrée du Recif, avec petites voiles, jusques à ce que le signal fust donné d'assaillir & prendre ledit lieu de Recif.

ordonné des forces restantes, les Navires suivants, marquez de la lettre C, à sçavoir: *La Lyonne*, le *Lyon noir*, le *Faulcon d'or*, la *Concorde de Dori*, la *Cygone* & *Terbaleu*. Lequels si tost que le signal d'entrer seroit donné, le premier entreroit par le *Paco*, entre les deux Forts, estans pourvus seulement de quelques Matelots; pour par leur venue, contraindre, tant que seroit possible, ledits Forts, & que ledits Pataches peussent entrer plus franchement.

Le Sieur General avec tous ces Navires cy & Pataches restantes, pourveus seulement des Matelots, restans pour pouvoir gouverner l'Artillerie, le mettoient tout au dessous du petit Fort, le plus éloigné qui est sur le Recif dehors, pour premierement le contraindre à se rendre ou le faire inhabile. Lequels Navires & Pataches sont marquez de la lettre E, à sçavoir: *Le Navire d'Amsterdam*, le *Verger d'Hollande*, la *Salemandre*, la *Provence d'Orreche*, *Amersfort*, *Campan*, *Amalia*, le *Gallion de Zelande*, le *Conte Ernest*, le *Nepune*, le *David*, *Monsquedam*, l'*Armeuse de Herme*, l'*Herbivere*, le *Lyon*, le *Saulmon*, le *Louze*, l'*Hyrondele*. En tous & chascuns desquels dits Navires, Pataches & Equipages, consistoyent toutes nos forces, & devoient ce soir là aller renger proche de terre, pour exploiter leur dessein: mais le temps d'embarquer le monde d'un navire à l'autre, fust trop court: de sorte qu'ils laisserent couler, & le mesme jour revindrent vers la flotte; le Navire *Hollande*, la Patache *Hyrondele* & le *Saulmon*, qui s'estoient tout voyez d'eux, environ la Ligne, & trouverent sur la Coste encores de la seconde flotte l'*Ethiopienne* de *Zelande*.

Le 14 dudit mois, on preparat tout, pour accomplir l'exploit, le lendemain 15 dudit mois. Et le soir le Sieur General fist donner le signal ordonné, pour faire prieres generales dans tous les Navires, & afin que chascun le rengast sous bon equadre ordonné. Le matin, ledit Sieur General, fist prendre cours à les Navires, autour du Sud, au quel, le matin, ils se peussent rencontrer au dessus de l'Entrée sans devaier trop bas, & sur ce les 16 navires, sus mentionnez, dans lesquels estoient les Equipages qui devoient estre mis à terre, preindrent leur cours contre le rivage. Le 15 dudit, ils estoient avec un temps fort doux & peu d'eau; au Sud de *Fernambouc*, saylans voile avec vent derriere, pour le Recif. Les 16 Navires & Pataches, les renger le long de terre, pour y deslembarquer leurs gens. Contre le midy, le Sieur General, arriva devant ledit Recif avec les Navires, & le planta tout proche du petit Fort, le plus extreme. Et fust tiré des le midy jusques au soir à toute force sur les deux Forts, comme aussi l'Ennemy hil fur eux. Les Navires du *Paco* & les Pataches ordonnées pour entrer dedans, teindrent cependant la voile, pour contre trois heures, que l'eau devoit estre au plus haut, passer avant & entrer: mais l'Ennemy qui long temps auparavant avoit e'lt adverti de leur venue, avoyent estoupé l'Entrée sur les Seiches, avec des Navires qu'ils avoyent fait enfoncer, mesmes aussi au *Paco*, & devant la Barrette; de sorte que rien ne se peult faire par ce lieu là. On continua toutes fois à tirer fort & ferme, jusques au soir: mais avec peu d'effect, d'autant que les Boulets n'estaignoient point leurs Ports: mesmes que par le inoüvement de la Mer, on ne pouvoit gueres prendre ni tenir de mire & visée. Et pourtaut furent-ils contrains de se retirer le soir avec les Navires, qui s'estoient régez tout proche de terre. Le Sieur Colonel estoit cependant empesché à deslembarquer ses gens, environ deux heures au North de la ville d'Olinde: mais ils ne peurent ce jour là mettre ledit ordre, qu'ils peussent advancer quelques chose par derriere: mais se hiet prest, pour marcher le lendemain à la pointe du jour, ainsi qu'ils firent le 16 d'iceluy, que le Sieur Colonel approcha en trois troupes & tres-bon ordre, sans s'empoüvoir aucunement, pour la resistance & tirement de l'Ennemy, assaillans environ midy magnaniment la ville de plusieurs canons, s'en rendirent maistres en peu de temps, avec perte de peu de gens de part & d'autre, & obeindrent la victoire du Seigneur. Estant icellu la ville au rivage de la Mer, tres-bien fortifiée & munie de trois Ports, Parapets & Retrenchemens, & pendant que le Sieur Colonel approchoit la ville, du costé du North, le Sieur General envoya à terre ledits deux Compagnies de Soldats & Mariniers, qui estoient es Pataches ordonnées pour entrer dedans, lesquelles se deslembarquerent, & allerent fort facilement à terre, au lieu marqué de la lettre F, pour aussis les assaillir du costé Meridional; mais avant qu'ils fussent du tout bien à terre, la Ville fust en partie gagnée. Apres la prise de ladite ville d'Olinde, on y mist quant & quant Garnison, étant le monde si lassé & retrecu, qu'à peine se pouvoient-ils soustenir sur leurs lumbes. L'Ennemy avoit emporté dans le Pays tous ses biens & moyens, nonobstant que, suivant la *Chartre de l'Union* des Espagnols & le Gouvernement, *Admiral de Albuquerque*, il avoit esté defendu, à peine de la vie, que personne n'eust à emporter aucuns biens hors de la ville, afin que pour iceux ils fussent plus grande defense, & ne fust trouvé dans la ville qu'environ cent Ceiffes de Sucre, quelque Vin & autre menutez de petite importance seulement.

Declaration du nombre des Chifres dans la Ville.

- | | |
|--|--|
| 1 Le Collège des Jesuites, | 8 La Messifium. |
| 2 La grande Eglise, | 9 St. Jean. |
| 3 Sarril Americain | 10 La vieille Cabelle du Roy. |
| 4 Un Collège royal, faict pour y prendre 5 professeurs, lesquels furent detruits par la prise de la Ville. | 11 Une Chaussee de Faislites. |
| 5 5 Brucos. | 12 Les Pertuis des Rerrenchemens en tous à la Ville. |
| 6 5 Pierez. | 13 Un port de bon port, si le plus grand passage, pour entrer dans la Ville. |
| 7 3 Franques. | |

F I N.